

O NÚCLEO DA EXISTÊNCIA HUMANA

Vítor José F. Rodrigues – Professor Adjunto na Escola Superior de Enfermagem de Évora e membro do Conselho Consultivo da Associação Luso-Brasileira de Transpessoal

Resumo

Neste artigo discute-se a importância da Consciência humana como provável fundamento de todo o fenómeno cultural humano e como conceito imprescindível a qualquer Psicologia. Levanta-se a hipótese de a consciência poder até mesmo constituir o secreto fundamento da “luta pela sobrevivência” implícita na Teoria da Selecção Natural de Darwin. Com base em algumas referências da literatura e em algumas “experiências mentais” relacionadas com a actual e famosa “polémica dos *zombies*” acerca da natureza e funções da consciência, bem viva no mundo das Neurociências e da Filosofia da Consciência, defende-se o provável absurdo das pretensões segundo as quais a consciência experiencial poderia ser considerada um fenómeno da mesma natureza dos processamentos neuronais e insiste-se na necessidade de considerá-lo como uma área de importância primordial para a Psicologia.

Introdução

O que o leitor começou a ler é um texto escrito que veicula informação acerca do pensamento do seu autor. Para que seja possível compreendê-lo, eu e o leitor deveremos ter uma linguagem comum e, em certa medida, um pensamento comum. Deve haver harmonia entre a codificação que faço ao escrevê-lo e a decodificação que o leitor realiza ao lê-lo. Por outro lado, eu estou a ser movido, no momento em que escrevo, por uma motivação: estou a projectar-me no futuro, antecipando o momento em que alguém irá ler este texto, que antes será, espero-o, aprovado e impresso. Para mim, é agradável antecipar que o meu escrito possa ser útil a alguém; para o leitor, talvez possa ser agradável encontrar-se com um texto um pouco fora do normal. Para mim, tem muita

importância saber que alguém poderá apreciar o meu trabalho. Detesto imaginar que este possa ser apenas um texto escrito quase burocraticamente para acrescentar ao meu currículo de artigos publicados – como acontece com muitos artigos... O significado do que faço é importante e eu ambiciono, para o meu trabalho, que ele seja útil e, se possível, agradável.

Resolvi chamar ao que estou a escrever “O Núcleo da Existência Humana”. Queria, com isso, abrir o apetite do leitor (e dos ouvintes da conferência respectiva) mas, também, expressar algo em que acredito firmemente: é que esse núcleo está implícito em tudo o que fazemos. Esteve sempre presente desde o momento em que comecei a escrever e o leitor começou a ler. Nada do que escrevi faz qualquer sentido sem a minha **consciência experiencial** de estar a escrever. Só faz sentido eu estar a escrever porque antecipo que vários leitores humanos autoconscientes irão ler este escrito, no futuro. Só faz sentido eu definir intenções conscientes de escrita porque admito, da parte do leitor, intenções conscientes de leitura. Admito a partilha, entre mim e os leitores, dessa coisa espantosa chamada consciência experiencial. Se me dissessem que este texto iria ser lido por uma máquina cibernética altamente eficaz no processamento de informação, dona de uma enorme inteligência artificial, capaz de me atribuir, não se gostasse do texto (gostar seria uma experiência consciente) mas se ele correspondesse a um padrão pré-estabelecido, uma nota elevada que me permitiria alcançar um grande salário, eu seria incapaz de escrevê-lo. Cessariam tanto o impulso de partilha quanto a cumplicidade com o leitor e a ideia de contribuir para o desenvolvimento da consciência humana. Provavelmente, eu teria que lutar com um acesso de repugnância. Se ainda não é claro porquê, convido desde já o/a leitor/a para

Uma fantasia erótica

Você está na sua cama, a meia luz, despido/a. Nesse momento, aproxima-se de si o andróide Z-37, verdadeira maravilha tecnológica. Tem exactamente o corpo escultural dos seus sonhos, as medidas de ombros/peito/pernas/seios/ancas/pénis/etc. (escolher o que possa aplicar-se ao seu caso) que mais lhe agradam. É parecido com o Mel Gibson ou a Sharon Stone, à escolha, mas melhor. A pele artificial da criatura, acetinada, exala o seu

perfume favorito. Move-se como qualquer ser humano saudável e bem coordenado. Constitui uma réplica fiel de todos os aspectos da anatomia humana exterior. Está nu/nua e foi programado/a para lhe dar o maior prazer possível, utilizando para isso sensores capazes de detectar os lugares onde os seus neurónios respondem ao toque com uma sensibilidade erótica mais profunda. Fala com uma voz sintética muito perfeita, levemente rouca e excitante como a de bons locutores publicitários. Pode até sussurrar-lhe, ao ouvido, as mais diversas coisas – dependendo da programação (vem equipado/a com uma longa série de opções em termo de *software*). Pode fazer-lhe tudo o que quiser, durante o tempo que quiser, pois o limite depende unicamente das suas baterias de longa duração, recarregáveis.

E então? Prefere ter relações sexuais com esta maravilha da electrónica – que somente não tem a menor consciência de si mesma nem do/a leitor/a, no momento de lhe fazer todas as carícias imagináveis e programáveis, ou preferia estar na cama com um ser humano? Por favor, tenha em conta que esse ser humano seria basicamente menos perfeito em quase tudo, menos competente em termos sexuais, sujeito a diversas falhas emocionais, talvez indisponível sexualmente de vez em quando, talvez menos hábil em algumas ocasiões. Em suma, menos fiável mecanicamente falando. Claro, ao estar consigo na cama saberia que estava na cama com alguém e saberia que era consigo. Mas valeria a pena, por uma diferença tão pequenina, privar-se dos prazeres que o andróide Z-37 lhe poderia dar sempre que quisesse?

Talvez a diferença, afinal, não fosse pequena. Este exemplo, para cuja inspiração me baseei num trabalho de Lawrence LeShan (1984), mostra que há qualquer coisa muito estranha nos seres humanos e que, ainda para mais, eles valorizam em extremo – mesmo quando nem pensam nela. Trata-se da consciência. Defendo que toda a Cultura da Humanidade e toda a aventura humana só faz algum sentido porque os seres humanos existem para apreciá-la conscientemente. A beleza de uma obra de arte só tem qualquer sentido ou importância por existirem pessoas que passam pela experiência consciente do Belo. A ética de um sistema filosófico só faz sentido e só tem importância por existirem pessoas que passam pela experiência do Bem. Um homem de Estado só valoriza o Poder por ter a experiência consciente da governação. Um artista só valoriza a criatividade por

ter a experiência consciente do momento criativo. O Desejo, essa coisa tão humana que parece nortear quase tudo o que se passa no nosso mundo, só faz sentido e só existe porque nós, seres humanos, nos imaginamos conscientemente a fazer, no futuro, coisas que consideramos agradáveis/prazerosas e a ter, nesse momento, experiências positivas. O andróide Z-37 seria capaz de lhe dar, caro/a leitor/a, um enorme prazer físico (se você não tivesse um ataque de vômitos) mas não saberia o que é isso do prazer nem o que é isso da dor. Nem saberia que você era gente. Do mesmo modo, o nosso andróide seria tão sensível à Arte como um pedaço de granito – mas poderia ser programado para dizer coisas magníficas acerca de objectos artísticos sem jamais ter a experiência consciente de estar a apreciá-los.

Penso que é indubitável que tudo o que apreciamos e nos faz vibrar ou motiva – por exemplo, a Literatura, a Dança, a Pintura, ou a Ética, Estética, Axiologia, ou a Ciência, Epistemologia, ou a Culinária (em suma, toda a Cultura humana) – só faz qualquer sentido e só tem qualquer valor por haver sujeitos conscientes que lhe dão sentido e importância. Para o andróide Z-37, um gato recentemente atropelado à beira de uma estrada, com as tripas de fora, é tão importante, belo ou digno de pena como a *prima ballerina*, jovem e viva, de uma grande companhia de bailado. Porquê? Porque, para ele, não existem as noções associadas à experiência consciente de atribuir importância a alguma coisa, apreciar a sua beleza ou sentir pena. O nosso andróide não tem sentimentos, tem processamentos desprovidos de consciência. E, contudo, ele é capaz de fazer quase tudo o que um ser humano pode fazer, de modo mais perfeito. Excepto... o essencial. Na verdade, nós somos incapazes de conceber um ser humano, digno de ser apelidado de humano, sem auto-consciência. Por isso mesmo, quando alguém está em coma profundo, prolongado e inapelável, dizemos que está num estado de vegetal. Confiamos muito mais num ser humano que nos pareça claramente lúcido, consciente e empático (ou seja, capaz de sentir como nós), e simpatizamos mais com ele, do que com um ser humano atordoado e diminuído pela ingestão de narcóticos.

Para mim, a questão seguinte é que os manuais de Psicologia em geral não referem a consciência como assunto de estudo desta ciência ou então referem-no apenas marginalmente. Quando o tema figura nesses manuais, costuma ocupar somente umas poucas páginas, sendo uma extensão infinitamente maior dedicada a temas como

memória, percepção, atenção, motivação, personalidade, sistema nervoso, hereditariedade, psicopatologia. Contudo parece-me indubitável que esse número de páginas está longe de reflectir o interesse real do assunto para a vida humana. Senão proponho ao leitor uma breve reflexão baseada numas quantas perguntas: prefere prescindir de uma perna ou da sua consciência? Prefere ser incapaz de emoções ou ficar inconsciente? Prefere perder a memória ou a consciência? Ficar cego ou inconsciente? O problema é que, para todos nós em geral, não há diferença entre o conceito de morte absoluta e o de absoluta ausência de consciência. Contudo, mesmo hoje em dia, abordar o tema com demasiada convicção é perigoso para uma carreira universitária. É preferível ocuparmo-nos de coisas **menos** importantes. Isso deve-se a vários factores. Por um lado, é muito, mesmo muito difícil operacionalizar o conceito de consciência porque ela não é acessível à observação directa a não ser por parte de cada um de nós. Por essa mesma razão, não sabemos medir a consciência – como veremos abaixo. No passado, alguns autores optaram, aparentemente, por ignorar o assunto e até mesmo por condenar abertamente os que ousassem mencioná-lo (a este respeito, ver as interessantes descrições feitas por Mahoney, 1974, acerca das atitudes dos comportamentalistas radicais). Outros procuram fazer equivaler a consciência a uma qualquer síntese de actividade neuronal. De algum modo, eles aproximam-se, na generalidade, da tese filosófica do Inessentialismo da Consciência, segundo a qual “qualquer actividade inteligente I, desempenhada em qualquer domínio cognitivo D, mesmo se nós a desempenhamos com acompanhamentos conscientes, pode em princípio ser feita sem esses acompanhamentos conscientes” (Flanagan, 1992). Contudo esta ideia está longe de ser pacífica. A polémica dos *zombies* constitui, a este respeito, uma refrescante área de reflexão (por exemplo Moody, Todd C. 1994; Flanagan e Polger, 1994). É possível que algumas actividades mentais careçam de consciência para poderem ocorrer. Moody (op. cit.) admite, por exemplo, que todas as funções que impliquem uma distinção entre mundo interno e externo, eu e não-eu, somente sejam concebíveis em seres auto-conscientes. Um outro problema com a abordagem puramente materialista, entretanto, é que não resolve verdadeiramente a questão da natureza e função da consciência (conforme reconhecem autores que, como Flanagan e Polger (op. cit.), consideram que a consciência é um produto da actividade cerebral). Aliás os mesmos autores admitem que a consciência

parece, de facto, poder influenciar as funções mentais superiores e/ou o comportamento em geral. Quanto a mim, creio ser evidente que, porque todos os grandes produtos da nossa Cultura humana (Arte, Ciência, Filosofia, Religião...) pressupõem a existência de sujeitos conscientes que os produzem e são, ao mesmo tempo, influenciados por eles e porque toda a experiência de nós mesmos como seres estéticos ou morais, conhecedores, apreciadores, desejantes e assim por diante pressupõe **auto-consciência**, talvez o único produto notável da consciência seja... toda a Cultura da Humanidade. Note-se que a Linguagem, produto e veículo de Cultura por excelência, reflecte constantemente a estrutura de sujeito-acção-objecto e só faz sentido a noção de sujeito, ou “eu” activo, se existe consciência.

Se a consciência é, talvez, o mais importante facto da existência humana e se constitui um tema difícil para o paradigma materialista, isso não impede, entretanto, que constitua também uma área frutuosa. Na verdade, sabemos que o número de estados de consciência a considerar sempre que tenhamos a pretensão de estabelecer uma Psicologia da Consciência é muito maior do que a clássica distinção entre estados de vigília, sono, sonho e estados patologicamente alterados (Vallejo et al., 1983). Por exemplo, Rossi (1986) evidenciou a existência de estados de “transe diário normal” em que todos nós passamos momentaneamente por períodos de curta duração, ao longo do dia, em que o nosso cérebro evidencia padrões de ondas Alfa. Weil (1977) estudou estados de “Consciência Cósmica” contemporâneos, correspondentes às descrições clássicas do Samadhi, Satori, Sétimo Céu, etc., em várias tradições místicas, para concluir que eles podem ser caracterizados sistematicamente, ocorrem de facto e, embora impliquem uma modificação profundíssima do estado normal de consciência vigil que todos conhecemos, as suas consequências não são patológicas e as suas características diferem das da patologia. Pelo contrário, a experiência (e a aprendizagem maciça) de tais estados parece poder contribuir para o desenvolvimento de seres humanos mais equilibrados e saudáveis. Existe, na literatura, um conjunto relativamente vasto de estudos não somente demonstrativos de que podem ocorrer diversos estados modificados de consciência, caracterizados por mudanças aparentes na intensidade, acuidade e qualidade da consciência, como também de que eles não implicam necessariamente qualquer forma de

patologia (Budzynski, 1986; Cardena, Lynn e Krippner, 2000). Existe, ainda, evidência de que é possível criar condições altamente favoráveis ao atingimento de estados modificados de consciência e de que, em tais estados, é possível – graças a um aumento na clareza mental, a um aprofundamento da capacidade de dar significado à experiência e a um melhor acesso a memórias perdidas e, em geral, ao nosso mundo inconsciente – não só melhorar a nossa auto-compreensão mas, também, obter reformulações completas e, por vezes, bastante rápidas, da nossa eventual problemática psicológica (Boorstein, 1996; Scotton, Chinen e Battista, 1996). Repare-se que a simples questão da natureza da consciência, levando somente em conta estados normais de consciência, já é complexa e coloca enormes dificuldades ao paradigma materialista-organicista vigente; o que dizer, então, dos estados modificados de consciência tais como os observados nas experiências de “consciência cósmica” ou de quase-morte? É interessante notar, a este último respeito, que Cook, Greyson e Stevenson (1998) realçam algumas características deste tipo de experiências que são muito difíceis de explicar pela abordagem materialista: (a) a sensação de estar fora do corpo parece sugerir que a consciência pode funcionar fora do corpo físico (tanto mais que algumas pessoas descrevem dados comprovados que não poderiam ter adquirido por meios normais e que adquiriram durante a experiência de quase morte); (b) do mesmo modo, a captação de informação objectiva e verificável sugere que estas experiências não são meras alucinações de um cérebro maltratado; (c) por fim, a actividade mental extremamente rápida e eficiente ocorrida durante as mesmas experiências sugere certa independência da mente face ao estado fisiológico do corpo e do cérebro, por vezes bem grave... Por fim, creio que merece ser realçado o facto de que a criatividade, implicando uma quebra óbvia nos ciclos repetitivos das mesmas ideias, sentimentos ou modos de estar (ou hábitos mentais) dos seres humanos, parece ser muito potenciada por estados de consciência fora do normal – onde uma das características é, justamente, a irrupção de novidade na consciência, seja quanto ao tipo de percepção de que o sujeito é capaz em relação a si mesmo ou ao mundo, à qualidade dessa percepção ou ao tipo de “mundo” percebido. Muitos grandes compositores de música clássica têm aludido, por exemplo, a estados criativos especiais em que se sentem inspirados por Deus, anjos, etc. (Willin, 1997). Note-se, ainda, que diversos autores que estudaram os grandes sobredotados da História têm concluído que eles costumam demonstrar grande

capacidade para se aperceberem dos seus próprios processos mentais (Parent, Larivée e Bouffard-Bouchard, 1991), grande criatividade e muito grande motivação e persistência (Howe, 1990, 1999; Renzulli, 1986) além da simples inteligência e capacidade de processamento de informação. Ora a capacidade metacognitiva, tal como a motivação humana, devem tudo à existência de consciência experiencial. É difícil imaginarmos uma máquina capaz de observar e criticar os seus próprios processamentos pois isso pressupõe um processamento de nível superior incidindo sobre um processamento de nível mais baixo mas incapaz de se pronunciar acerca de si mesmo – e não é linear que os humanos possam sofrer de iguais limites, a avaliar pelas descrições de estados de “consciência cósmica”. Por outro lado, a motivação humana pressupõe a existência de planificação consciente de futuro, em que o sujeito se toma a si mesmo como objecto e se projecta num futuro em que se imagina a realizar coisas que fornecerão **experiências conscientes** que lhe interessam (Nuttin, 1984). Aquilo que me motiva é aquilo que eu imagino a ser-me útil num futuro em que me projecto. O próprio conceito de felicidade só faz sentido para um ser auto-consciente, que se imagina a ser feliz ou que se sente feliz sabendo disso. O conceito de sofrimento, tal como os de alegria, prazer, dor, morte, medo ou desejo somente fazem sentido em seres conscientes. Ora estamos a falar daquilo mesmo que marca profundamente a existência de todos nós e a cultura humana em geral. A menos que admitamos que o nosso computador pessoal é infeliz ou pode estar com medo de apanhar algum vírus informático...

Gostaria agora de sugerir ao leitor mais algumas experiências mentais invulgares.

Outras estranhas experiências mentais

Art Winfree (1994) propõe algumas experiências mentais fascinantes que se relacionam com o tema da natureza da consciência, essa coisa que pode levar-nos a preferir um ser humano imperfeito a um andróide inconsciente e funcionalmente perfeito. Ele parte do princípio de que, se a consciência é uma entidade concreta, espaço-temporal, localizada no cérebro, ela deve ser mensurável. Nesse caso, deve ser potencialmente possível medir os sentimentos conscientes. Isso conduz-nos a algumas propostas notáveis:

Imaginemos um “medidor de sentimentos conscientes” automático. Possui uma lâmpada verde que se ilumina quando você está a experimentar um sentimento positivo e uma vermelha que se acende quando está a experimentar um sentimento negativo. Apontado a uma pedra, as lâmpadas conservam-se apagadas; apontado a si, a lâmpada verde fica muito intensa quando você está a ter um orgasmo; a lâmpada vermelha fica muito intensa quando está no dentista, a sinistra broca aproximando-se do nervo do dente... Será que isso torna possível avaliar até que ponto Jack o Estripador é um ser mais ou menos consciente e merecedor da vida que Gandhi? Ou isso não fará sentido? E se o critério não for o grau de consciência, com que direito é que você pisa uma simples formiga ou mata uma melga? Se a intensidade da consciência é mensurável, isso quer dizer que a repetição cumulativa da mesma experiência cinco vezes a faz ficar cinco vezes mais intensa? Ou será que perde em intensidade? E se a consciência pode ser localizada no espaço, isso quer dizer que duplicando o tamanho das células nervosas de uma pessoa ela fica duas vezes mais consciente? Ou que a duplicação dos circuitos nervosos de uma pessoa pode levá-la a sentir melhor? Estas especulações divertidas podem ir ainda mais longe: o mesmo autor admite que, se a intensidade e qualidade da experiência consciente dependerem do funcionamento neuronal, talvez seja viável admitir igualmente que um computador possa realmente sentir um equivalente das sensações e emoções humanas. Nesse caso, talvez pudéssemos rezear que um computador a quem mudassem o processador, digamos que substituindo um Pentium 400 Mz por um Pentium a 1000 Mz, pudesse passar a sentir com, pelo menos, o dobro da intensidade. Nesse caso, seria problemático mudar-lhe os processadores sem, ao menos, termos a certeza de que os sentimentos associados a determinados algoritmos de processamento fossem prazerosos em vez de dolorosos (senão um Pentium a 1000Mz poderia produzir-lhe dores terríveis). Claro que Winfree não pensa que esta linha de raciocínio faça qualquer sentido. Contudo, se não faz, talvez ela também venha questionar alguns pressupostos sacrossantos para muitas pessoas ligadas às ciências cognitivas actuais. Exemplifiquemos.

Muitos autores pensam que os actuais organismos vivos são o produto de um longo desenvolvimento fruto da selecção natural postulada por Darwin. Os organismos que vão sobrevivendo são os mais aptos para se adaptarem ao ambiente. Nesse caso, um dos problemas mais difíceis em relação à consciência passa a ser o de compreender qual a

função que ela desempenha em termos evolutivos. Repare-se que é perfeitamente concebível a ideia de que determinado *zombie* possa duplicar, com vantagem, todas as *funções* desempenhadas por um ser humano consciente sem necessitar de consciência experiencial para tanto. Se o pensamento, por exemplo, é somente uma sucessão de processamentos de informação, então é viável admitir a existência de um *zombie* inconsciente capaz de pensar muito bem, resolver problemas e adaptar-se sem ter a menor consciência de si mesmo. O problema, então, passa a ser o seguinte: se a consciência não é necessária à execução de funções úteis à sobrevivência, ela pode ser uma espécie de excrescência inútil, condenada a fazer-nos gastar energia escusada. Porque será, então, que os seres humanos conscientes foram os que a selecção natural conservou no planeta em lugar de uma qualquer raça *zombie* mais compatível com o paradigma materialista? A menos que a consciência sirva para alguma coisa – coisa essa que somente começamos a tentar compreender. Note-se que o Darwinismo considera geralmente essencial, para explicar a evolução dos organismos vivos, um processo de “selecção natural” dos mais aptos, ao serviço da “sobrevivência da espécie”. O que nos parece interessante é constatar que mesmo este conceito de “sobrevivência” somente faz sentido para seres auto-conscientes pois, se não há consciência de estarmos vivos, também não há consciência de que poderemos morrer. Sabemos que os animais buscam sobreviver; no entanto, mais uma vez, é difícil compreender qual a razão desse afã, que parece comum a todos os organismos vivos, pois nem todos deveriam possuir consciência de si mesmos e, por isso, estarem vivos ou mortos deveria ser irrelevante, ou melhor, desprovido de sentido. É difícil, para nós, admitir que uma pedra possa lutar pela sobrevivência por nos ser igualmente difícil admitir que tenha consciência da sua existência e, por isso, possa sentir-se mal com algum perigo que a ameace. Mas... talvez não seja inapropriado admitir que a consciência constitua um fenómeno difuso, com graus de intensidade e qualidade variáveis, por todo o mundo vivo. Nesse caso, talvez afinal a luta pela sobrevivência pudesse ser uma consequência da onnipresença da consciência. Como pensa McGinn (1995), a consciência seria constitutiva do mundo material em geral, com o mesmo estatuto epistemológico de noções como Espaço e Tempo... Pensamos que, nesse caso, pode admitir-se que ela seja também constitutiva do mundo vivo tendendo a ocasionar,

nesse mundo, a luta pela sobrevivência. Não seria um produto fortuito da evolução mas a própria impulsionadora dessa evolução ao **fundamentar** a luta pela sobrevivência...

Penso que todas as teses materialistas em geral podem sofrer do mal de não se aperceberem de que, na raiz, são bastante animistas: projectam, em entidades materiais como as máquinas bioquímicas a que nos reduzem, qualidades que julgam ser-lhes inerentes quando, na verdade, não o são. Como as crianças que imaginam que os mais variados objectos podem ter intencionalidade e sentimentos só porque elas os possuem. Creio até que Darwin (quase sou tentado a dizer: São Darwin, tal o estatuto em que a sua teoria costuma ser colocada) cometeu um erro animista ao ver na luta pela sobrevivência um motor evolutivo das espécies quando o próprio conceito de sobrevivência pressupõe uma finalidade – sobreviver – que somente faz sentido em seres conscientes pois só para esses estar vivo ou morto é uma questão. Assim, querendo ser muito objectivo, Darwin não se teria apercebido de que a teoria da evolução das espécies pela selecção natural, que tantos autores têm interpretado como um mecanismo desalmado, associado a acasos genéticos que produziriam seres mais aptos a sobreviver, pressupõe, de certo modo, que o mundo vivo quer sobreviver. Se não quisesse, não aproveitaria os tais supostos acasos genéticos. Admito, assim, que talvez Darwin tenha sido animista sem se aperceber do facto mas que, ao sê-lo, se tenha aproximado mais da verdade do que de outro modo...

Não creio que as respostas aos dilemas do estudo da consciência sejam fáceis. Contudo estou firmemente convicto de que as propostas do paradigma materialista são, no mínimo, curtas, quase supersticiosas na sua adopção de ideias por demonstrar (por exemplo, a ideia de que o cérebro produz consciência) e bastante inoperantes até mesmo quando procuram explicar a complexidade da Cultura humana como algo redutível a postulados darwinistas. Por agora, sabemos somente algumas poucas coisas. Sabemos, por exemplo, que os estados modificados de consciência podem influenciar os processos mentais superiores facilitando-os, podem melhorar o insight, a capacidade de modificação do comportamento, a aprendizagem, memória, atenção, concentração, criatividade e, em geral, a possibilidade de encontrar um novo sentido para a existência humana. Mas será isto tão pouco que não justifique um muito maior investimento da Psicologia contemporânea no seu estudo? E não será que a grande importância dada por muitos psicólogos às noções de auto-conceito ou de auto-estima reflecte o facto de que,

implicitamente, admitem o carácter primordial da consciência na vida humana? Que sentido faria a noção de auto-conceito, ou conceito auto-referido, sem um sujeito consciente dessa referência? Note-se que o auto-conceito de uma pessoa marca aquilo em que ela se torna vulnerável tanto quanto aquilo em que se considera forte. Se me chamarem “mecânico inepto” e o conceito de mim mesmo como “mecânico” não for importante para mim, dificilmente irei sentir-me especialmente ofendido com isso; se, contudo, eu for um mecânico de profissão, talvez o assunto seja muito diferente. Ora o auto-conceito implica a projecção da consciência, ou a auto-identificação do sujeito consciente, com determinadas representações mentais a que chama “eu”. E essas representações podem ser modificadas (é essa, de resto, uma das tarefas da Psicoterapia) justamente por causa da flexibilidade da consciência, que pode identificar-se com as mais variadas coisas mas, também, desidentificar-se delas. Alguém imagina uma máquina cibernética qualquer, ou um biocomputador, capaz de se sentir ofendida/o por alguém lhe dizer que não passa de um mecanismo ultrapassado?

Para terminar, uma última experiência mental:

Poesia maquinal?

Leia os dois excertos literários que apresento abaixo e que, supostamente, têm tudo a ver simultaneamente com o drama dos seres humanos auto-conscientes e com a Cultura Humana. Depois, num esforço de imaginação, imagine que não conhecia os autores e lhe explicavam que “Camões” e “Shakespeare” eram os nomes de duas máquinas cibernéticas capazes de simular auto-consciência ou que, noutra hipótese, estes excertos teriam sido produzidos por “algoritmos de produção literária” dependendo, somente, da potência de processamento de bons computadores sendo a auto-consciência basicamente desnecessária – em vez de fundamental – para possibilitar tais produções. Parece-lhe plausível?

*Ser ou não ser, eis a questão
Será mais nobre em espírito viver*

*Sóbolos rios que vão
por Babilónia, m'achei,*

*Sofrendo os golpes e as frechadas da
afrontosa sorte
Ou armas tomar contra um mar
de penas
Dar-lhes um fim: morrer, dormir...
Só isso e, por tal sono, dizer que acabaram
Penas do coração e os milhões de
choques naturais
Herdados com a carne? Será final
A desejar ardentemente... Morrer, dormir;
Dormir, sonhar talvez... Mas há um contra,
Pois nesse mortal sonho outros podem vir,
Libertos já do mortal abraço da vida...
(...)
Assim a todos nos faz covardes nossa
consciência,
Assim o grito natural do ânimo mais resoluto
Se afoga na pálida sombra do pensar
E as empresas de mor peso e alto fim,
Tal vendo mudam o seu rumor errando
E nada conseguindo!”*

Shakespeare

*onde sentado chorei
as lembranças de Sião
e quanto nela passei.
Ali o rio corrente
de meus olhos foi manado,
e tudo bem comparado,
Babilónia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.
(...)
E vi que todos os danos
se causavam das mudanças
e as mudanças dos anos;
onde vi quantos enganos
faz o tempo às esperanças.
Ali vi o maior bem
quão pouco espaço que dura,
o mal quão depressa vem,
e quão triste estado tem
quem se fia da ventura.
(...)
Ditoso quem se partir
para ti, terra excelente,
tão justo e tão penitente
que, depois de a ti subir
lá descansa eternamente.*

Camões

BIBLIOGRAFIA

- Boorstein, Seymour (Ed., 1996): **Transpersonal Psychotherapy**. New York: State University of New York Press.
- Budzynski, Thomas H. (1986): Clinical Applications of Non-Drug-Induced States. Cap. 14, pgs. 428-460 **in** Wolman, Benjamin B. e Ullman, Montague (Eds.) **Handbook of States of Consciousness**. New York: Van Nostrand Reinhold Company.
- Cardena, Etzel; Lynn, Steven Jay e Krippner, Stanley (Eds., 2000): **Varieties of Anomalous Experience**. Washington, D.C.: American Psychological Association.
- Cook, Emily Williams, Greyson, Bruce e Stevenson, Ian (1998): Do Any Near-Death Experiences Provide Evidence for the Survival of Human Personality After Death? Relevant features and Illustrative Case reports. **Journal of Scientific Exploration**, Vol. 12, Nº 3, pp. 377-406.
- Flanagan, O. (1992): **Consciousness Reconsidered**. Cambridge, MA: MIT Press.
- Flanagan, Owen e Polger, Thomas (1994): Zombies and the Function of Consciousness. **Journal of Consciousness Studies**, 1 (2), pp. 196-200.
- Howe, Michael J. A. (ed.) (1990) **Encouraging the Development of Exceptional Skills and Talents**. Leicester: BPA (British Psychological Society) Books.
- Howe, Michael J. A. (1999): **Genius Explained**. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mahoney, Michael (1974): **Cognition and Behavior Modification**. Cambridge: Mass Ballinger Publishing Company.
- McGinn, Colin (1995): Consciousness and Space. **Journal of Consciousness Studies**, 2, Nº 3, pp. 220-30.
- Moody, Todd C. (1994): Conversations With Zombies. **Journal of Consciousness Studies**, 1 (2), pp. 196-200.
- Nuttin, Joseph (1984): **Motivation, Planning, and Action**. Hillsdale, New Jersey; Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers (publicado conjuntamente com a Leuven University Press).
- LeShan, Lawrence (1984): **De Newton à Percepção extra-Sensorial**. São Paulo: Summus Editorial, Ltda.
- Parent, Sophie, Larivée, Serge e Bouffard-Bouchard, Thérèse (1991): Compétence cognitive, capacités d'apprentissage, et méta-cognition. **Journal International de Psychologie**, 26(6), 723-744.
- Renzulli, Joseph S. (1986): The three-ring conception of giftedness: a developmental model for creative productivity. **In** Sternberg, Robert J. e Davidson, Janet E. (eds): **Conceptions of Giftedness**. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rossi, Ernest L. (1986): Altered States of Consciousness in Everyday Life: Ultradian Rhythms. Cap. 4, pgs. 97-132 **in** Wolman, Benjamin B. e Ullman, Montague (Eds.) **Handbook of States of Consciousness**. New York: Van Nostrand Reinhold Company.

- Scotton, Bruce W., Chinen, Allan B. e Battista, John R. (1996): **Textbook of Transpersonal Psychiatry and Psychology**. New York: Basic Books.
- Weil, Pierre (1977): Análise de Conteúdo de Relatos Obtidos em Estado de Consciência Cósmica. **Psicologia Clínica e Psicoterapia**. Belo Horizonte, Interlivros, *I* (2): 55-82.
- Willin, Melvyn J. (1997): “Music and Spiritualism”. **Journal of the Society for Psychical Research**, Vol 62, N° 848, July.
- Winfree, Art (1994): Is it Impossible to “Measure” Conscious Feeling?. **1st Tucson Consciousness Meeting**, 4/94.